

# 6

## CAPÍTULO

# **A LEGENDA ÁUREA E O LIVRO DAS LEIS E POSTURAS – UMA ORDENAÇÃO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO EM PORTUGAL MEDIEVAL: RESULTADOS PARCIAIS**

*Júnio Henrique Condi<sup>1</sup>*

*Teresinha Maria Duarte<sup>2</sup>*

---

1 Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão, Catalão – GO, Brasil. Bolsista PIBIC

2 Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão, Catalão – GO, Brasil. Orientadora

E-mail de contato: junio.hc.2010@hotmail.com; teresinha\_duarte@yahoo.com.br

**Resumo:** O presente texto se refere a uma pesquisa PIBIC, na qual propomos investigar e indagar as relações de gênero em Portugal medieval, entre os séculos XIII e XV. Questionando-nos sobre os valores cristãos ensinados para homens e mulheres; investigaremos também as leis em Portugal neste mesmo período, buscando conhecer as relações de gênero. Para tal pesquisa serão analisadas as obras *Legenda Áurea* e *Livro das Leis e Posturas*. A metodologia da pesquisa partirá de uma revisão bibliográfica e, em seguida, passará para uma análise e cotejamento das duas obras, com um estudo crítico sobre os comportamentos que eram aceitáveis e aqueles que eram desencorajados e até puníveis em homens e mulheres, contidos nas obras em questão. A pesquisa se encontra em andamento.

**Palavras-chave:** relações de gênero; Portugal medieval; legislação; hagiografia.

**Abstract:** This paper refers to a proposal for PIBIC research, in which we propose to investigate and inquire about gender relations in Portugal medieval, between the twelfth and fifteenth. Questioning about christians values taught to men and women; we also investigated the laws transcribed in Portugal during the same period, seeking to know the gender relations. For this research two works will be analyzed: The Golden Legend and the Book of Laws and postures. The research methodology start with a literature review, and then moves to an analysis and mutual comparison of the works “Golden Legend” and “Book of Laws and postures” with a critical study for acceptable behaviors and those others who were discouraged and up to punished in men and women contained in the works in question. Analyze male behavior and female ones and valued; discouraged and behaviors of male and female behaviors prohibited and punished. A search is underway.

**Keywords:** gender relations; Portugal medieval; legislation; hagiography.

## 1 INTRODUÇÃO

Querendo entender algumas das raízes das relações de gênero que perduram no Brasil, propomos, na presente pesquisa, discutir e entender as relações de gênero na sociedade portuguesa no período medieval, interrogando-nos sobre as contribuições oferecidas pelo Cristianismo e também pela legislação. Para tal estudo, serão analisadas as obras *Legenda Áurea* e *Livro das Leis e Posturas*.

Nos últimos anos, têm aparecido um bom número de estudos acerca das relações de gênero tomando como fonte hagiografias medievais, como aqueles elaborados por Silva (2007), por exemplo, que compara a imagem do diabo, presente nos legendários, e suas relações com os santos e as santas. Ela analisa cinco obras hagiográficas de dois autores: *Vida de Santo Domingos de Silos*, *Vida de Santa Oria*, de autoria de Gonzalo de Berceo; *1 Cel* e *2 Cel*, que narram a biografia e milagres de Francisco de Assis; e *Legenda de Santa Clara de Assis*, da autoria de Tomás de Celeno.

A autora constatou que é recorrente a perseguição do diabo para com os santos varões, que estão sempre preparados e saem vitoriosos, enquanto para as santas são raras às vezes em que o diabo aparece, e nem sempre aquelas saem vitoriosas: “Talvez porque já fossem vistas como fracas e suscetíveis a cair em tentação, tal como fez Eva [...]”, conclui Silva (2007, p. 5).

Segundo Silva (2004), em estudo realizado por Carolina Fortes sobre a *Legenda Áurea*, constata-se que Tiago de Voragine atribui características masculinas às santas Madalena e Maria: “A autora concluiu que o padrão de santidade apresentado pelo hagiógrafo dominicano pressupunha uma valorização dos elementos considerados masculinos naquela sociedade, que foram alçados à esfera de perfeição [...]” (SILVA, 2004, p. 8).

Acerca dos estudos sobre as relações de gênero no *Livro das Leis e Posturas* e até no conjunto da legislação portuguesa, não conseguimos encontrar muitos estudos; tomamos conhecimento, outrossim, da monografia de Rodovalho (2008), intitulada *A Mulher na Legislação Portuguesa medieval (1211-1325)*, que teve como o *Livro das Leis e Posturas*, sobre o qual a autora conclui:

Era o estado matrimonial que consagrava a mulher dentro da sociedade, outorgando-lhe determinadas funções: como filha, deveria manter-se virgem até o casamento, honrando o nome de seu pai; como esposa, deveria gerar a prole, cuidar satisfatoriamente da sua casa, dos seus filhos e de seu marido; a viúva deveria ser prudente, virtuosa e casta, encarnando um modelo exemplar para as outras mulheres. Percebe-se, que a condição jurídica da mulher na fonte analisada, *Livro das Leis e Posturas*, encontrava-se relacionada ao papel social de esposa que ela desempenhava, ou seja, o casamento lhe dava um certo grau de representatividade jurídica (RODOVALHO, 2008, p. 40).

Pelas conclusões da autora, pode-se perceber um estereótipo para a condição feminina em Portugal medieval, marcado pela subserviência em relação ao gênero masculino, ao mesmo tempo em que se esperava determinados comportamentos das mulheres para que honrassem a sua virtude, como filha, como esposa e mãe ou como viúva. A autora ainda ressalta ser como esposa que o *Livro das Leis e Posturas* conferia às mulheres uma certa representatividade jurídica.

Todavia, não tivemos conhecimento de nenhum estudo que se propusesse a estudar as relações de gênero em Portugal e que tomasse como fonte o *Livro das Leis e Posturas* e a *Legenda Áurea*, de maneira que nossa proposta torna-se original.

Assim, buscamos compreender como se davam as reações de gênero na *Legenda Áurea*, assim como na legislação portuguesa do século XIII. Pretendemos entender as ordenações de gênero presentes no legendário e na legislação, e como ambas se relacionavam entre si, com o povo e com as instituições medievais. Todavia, mesmo trabalhando com documentos de esferas diferentes, pretendemos compreendê-las como parte do *ethos* de um povo, revelando sua mentalidade; e

como essas obras influenciaram as relações de gênero em Portugal medieval e, até os dias atuais, no Brasil.

A *Legenda Áurea*, corpus hagiográfico que remonta ao século XIII, contém passagens da vida de santos que provavelmente viveram durante os primórdios do Cristianismo. Esta obra, escrita no século XIII por Tiago (ou Jacopo) de Voragine com finalidade homilética e pedagógica, encontrou ampla aceitação em Portugal. Assim, a vida modelar dos santos e das santas era usada ilustrativamente por padres, monges e frades para a pregação dos comportamentos cristãos aceitáveis.

Já o *Livro das Leis e Posturas* é um documento que reúne leis transcritas vigentes em Portugal, de cunho civil e penal, nos reinados de D. Afonso II, D. Afonso III, D. Dinis e D. Afonso IV. Diante do mesmo, podemos investigar os comportamentos inaceitáveis e aceitáveis para homens e mulheres portugueses no período medieval.

## 2 OBJETIVO

Este trabalho pretende buscar nas obras elencadas a imagem ideal do homem e da mulher cristão e civil, para refletir criticamente sobre a construção dos papéis sociais aceitáveis e desejados para homens e mulheres em Portugal desde os últimos séculos do período medieval; e indagar acerca dos valores sociais, cristãos e civis para homens e mulheres, segundo o legendário em questão e a legislação portuguesa baixo-medieval. Ademais, buscamos analisar como esses valores ressoaram e ressoam na sociedade atualmente.

## 3 METODOLOGIA

A pesquisa partirá de uma revisão bibliográfica, passando, em seguida, à análise e cotejamento das obras *Legenda Áurea* e *Livro das Leis e Posturas*, e a um estudo crítico sobre os comportamentos aceitáveis ou encorajados e os comportamentos desencorajados e até puníveis em homens e mulheres contidos nas obras em questão. A primeira obra a ser analisada, *Livro das Leis e Posturas*, é uma leitura paleográfica elaborada por Rodrigues (1971), publicada pela editora Universidade de Lisboa – Faculdade de Direito. A segunda obra é *Legenda Áurea: vidas de santos*, tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica de Hilário Franco Júnior. Como a nossa pesquisa se encontra em andamento, no presente artigo contemplamos apenas uma discussão bibliográfica das obras já estudadas por nós para este projeto.

## 4 RESULTADOS

Como resultados esperados, propomos esclarecer os seguintes problemas que norteiam a nossa investigação: como os autores da *Legenda Áurea* e do *Livro*

*das Leis e Posturas* representam o homem e a mulher na sociedade portuguesa? Quais eram os comportamentos considerados aceitáveis para varões e mulheres em ambas as obras? Quais eram as restrições para os homens e para as mulheres naquele período histórico, em Portugal? Quais foram os impactos disso na sociedade portuguesa, e posteriormente, na sociedade brasileira?

## 5 DISCUSSÃO

### 5.1 A *Legenda Áurea*

A obra é de autoria de Jacopo de Varazze<sup>3</sup> e foi escrita por volta de 1293 na cidade de Varazze, próxima a Gênova<sup>4</sup>. O autor era dominicano e veio a se tornar pregador e arcebispo de Gênova (SILVA, 2010, p. 8). O legendário tem um total 182 capítulos, sendo que 21 deles descrevem festas religiosas; em outros 95, a figura principal é o mártir; em outros 22 são retratados os apóstolos, papas e bispos; outros 24 são dedicados aos eremitas, monges e reclusos; e, ainda, 11 deles narram a santidade de confessores com outras condições de vida. Dentro do conjunto da obra, 29 capítulos têm a participação direta ou indireta de mulheres e 15 deles foram dedicados às santas virgens, em cujas histórias, no legendário, são destacadas a virgindade, como idealização, e o martírio, como provação (SILVA, 2010, p. 9).

Conforme Juliana Martins Silva (2010), há certa dificuldade em se saber o período histórico em que a *Legenda Áurea* retrata a vida dos santos e das santas; muitas vezes é citado o Império Romano, mas não há referência a qual governante ou datação. Para a autora (SILVA, 2010, p. 9), a obra “se insere no que se pode definir como uma cultura intermediária, revelando de certa forma o elo de união que cria a identidade mais profunda de uma sociedade”.

Com uma finalidade homilética e pedagógica, a *Legenda Áurea* encontrou ampla aceitação, assim, as vidas dos santos e das santas eram usadas por padres, monges e frades para a pregação dos comportamentos cristãos aceitáveis, ilustrando-os com a vida modelar desses santos e santas.

### 5.2 Hagiografia e santidade

A santidade que as hagiografias descrevem se insere no que Gajano (2006, p. 449) chama de um fenômeno de múltiplas dimensões: como fenômeno espiritual, é a busca pelo divino; como fenômeno teológico, é a manifestação de Deus na Terra; como fenômeno religioso, é o momento da relação com o sobrenatural;

3 Em português, Tiago de Voragine.

4 Por essa razão, a *Legenda Áurea* foi intitulada de início como “*Crônica de Gênova*”.

como fenômeno social, é um instrumento de coesão e identificação dos grupos e comunidades; como fenômeno institucional, está no fundamento das estruturas eclesásticas e monásticas; como fenômeno político, é o ponto de coincidência da religião com o poder.

Em suas origens, a cultura hebraica compreendeu a santidade como exclusiva de Iavé, progressivamente estendendo-se ao que está próximo à ele, como objetos, templos, sacerdotes etc. No decorrer da história, a santidade adquire um valor moral e espiritual, consagrando regiões e lugares considerados santos, assim como indivíduos eleitos por Deus e retratados no Antigo Testamento, que são “dotados por Ele de um espírito profético e de poderes taumatúrgicos, e que são enquanto tais ‘mediadores’ da palavra e do poder de Deus junto aos homens” (GAJANO, 2006, p. 450).

Porém, essa santificação é ultrapassada por uma figura inteiramente nova: Cristo, o qual se insere em duas características para os hebreus: a filiação direta com Deus e a ressurreição. Essas novas características tornam Cristo duplamente santo, um santo por excelência. Mas é especialmente sua biografia que o torna ainda mais santo: “seu amor por Deus e pelo próximo, sua prática das virtudes, sua luta contra as tentações materiais e espirituais, sua autoridade sobre a natureza” (GAJANO, 2006, p. 451).

Mais tarde, os leigos são inseridos na santidade como protagonistas e promotores de cultos. Os mártires e confessores são agora o elo que a Idade Média cria entre a santidade e a patronagem urbana. Segundo Gajano (2006, p. 457), eles “tornam-se o símbolo de uma unidade política em fase de formação”. Desta forma, durante as últimas décadas do século XII, os leigos expressavam uma religiosidade capaz de reinterpretar a santidade presente no Evangelho, reintegrando novas formas individuais e coletivas dessa santidade.

A história da santidade é, sem dúvida, uma história de inovação, mas, como aponta Gajano (2006, p. 461), apresenta tendências conservadoras. Em um mesmo contraste há a duração dos cultos e da patronagem das igrejas, assim como a persistência na presença de mártires e das vidas de santos antigos até em obras novas, pela forma e finalidade, como as *Legendae Novae*, ou “*Novas Legendas*”, que eram destinadas à pregação das Ordens Mendicantes, sendo que o autor aponta a *Legenda Áurea* como a mais famosa e difundida dessas legendas.

A *Legenda Áurea* se destaca pela popularidade que obteve, embora fosse recorrente as obras hagiográficas do século XIII buscarem mecanismos para sua expansão; o Cristianismo precisava difundir seus ensinamentos e criar modelos para um novo homem medieval. Nesse século começam a ser escritas e traduzidas hagiografias em línguas vernáculas, com o intuito de uma maior propagação do seu conteúdo, uma vez que aquele século foi marcado por uma profunda renovação

religiosa, fenômeno que estava em curso desde o século anterior. O século XIII também é caracterizado como o século dos santos, sobretudo dominicanos e mercedários. Quando Inocêncio III reserva à Santa Sé a faculdade de reconhecer santos, o número de canonizados reduz, porém a proporção, difusão e diversificação do culto aos santos ainda persiste, mostrando, assim, a incapacidade da Igreja para controlar a propagação dos cultos a esses santos (GAJANO, 2006, p. 459).

Ademais, segundo Vallejo (2003, p. 32), no começo do século XIII a Igreja tomou consciência da necessidade de se defender contra as heresias, assim a “Orden de San Francisco recoge, dentro de la ortodoxia, parte de esos mismo ideales de austeridade y pobreza. La Orden de Santo Domingo nace para luchar contra la herejía, y desde el comienzo uno de sus ideales es el estudio, que producirá una rica actividad intelectual, y concretamente literaria”.

### **5.3 Os santos nas pregações e no gosto popular**

Os primeiros textos hagiográficos remontam ao século II e retratam o culto aos mártires cristãos. Nessa primeira forma de literatura hagiográfica são transcritos textos das “Atas dos Mártires”, transcrições fiéis do interrogatório, escrita por oficiais do tribunal ou cristãos presentes. Nesses textos é crucialmente respeitado o texto do interrogatório (VALLEJO, 2003, p. 18). Porém, no decorrer dos séculos, progressivamente a literatura hagiográfica passa a ser o relato de testemunhas presentes e dignas de credibilidade; mais tarde a literatura hagiográfica adquire rigor histórico. Destarte, seu processo é incorporado a personagens reais e conhecidos, “donde el protagonista o alguno de los personajes son figuras reales (Pedro, Pablo, Clemente etc.), hallamos una categoria de novelas de imaginación, donde incluso el héroe es una creación del autor” (VALLEJO, 2003, p. 19).

No começo do século VIII já havia se consolidado o costume de ler textos hagiográficos nas igrejas, de forma que as vidas de santos eram utilizadas pelas instituições eclesiásticas e monásticas para a propagação dos costumes cristãos aceitáveis. Segundo Vallejo, os “datos más antiguos sobre la costumbre de leer textos hagiográficos em la iglesia han sido interpretados como lectura durante la misa” (VALLEJO, 2003, p. 57), destacando-se, assim, a função homilética e pedagógica da obra.

Segundo Gajano (2006, p. 457), as novas ordens religiosas, como a de Francisco de Assis e a ordem fundada por Domingos de Guzman no século XIII, “aperfeiçoaram igualmente formas de institucionalização bastante variadas: a ‘ordem terceira’ teve a inteligência de propor aos leigos uma religiosidade regrada e controlada” (GAJANO, 2006, p. 458). Para Vallejo (2003, p. 34), as novas ordens fundadas parecem assumir a responsabilidade de elevar a cultura eclesiástica.

Dentro dessa nova religiosidade, as mulheres também encontraram seu lugar: agora são uma santidade nova, do sexo feminino, inédita e original:

A variedade da experiência religiosa feminina a partir de século XIII abre novos horizontes sobre o complexo fenômeno da santidade medieval. A dimensão corporal, por exemplo, adquire uma importância inédita e novas características, começando pela instauração de um elo entre alimento, jejum e eucaristia (C. W. Bynum) e pela ênfase dada aos aspectos físicos de uma união mística que pode chegar à troca de coração com Cristo (como Catarina de Siena) (GAJANO, 2006, p. 458-459).

O trabalho de Silva (2003) intitulado *Gênero e descrições corporais na hagiografia mediterrânica no século XIII: um estudo comparativo*, nos apresenta um estudo comparativo entre as obras *Vida de Santo Domingo de Silos*, *Vida de Santa Oria*, de Gonzalo de Berceo, e *Vida I*, *Vida II*, *Legenda de Santa Clara*, de Tomás de Celano, com destaque para o discurso de gênero pregado pela Igreja e seus autores em um ambiente que passava por profundas mudanças eclesiásticas, como a mudança da concepção de santidade entre os séculos XII e XIII, a constante tentativa de uma construção idealizada sobre o poder papal no século XIII, e o pensamento misógino eclesiástico ocidental no século XIII.

Para Silva (2003), os hagiógrafos das obras acima mencionadas tinham uma preocupação imensa em não expressar a sexualidade nos corpos das santas, já os santos foram retratados com corpos, mas realçar sua disciplina, seu caráter heroico e sua santidade. Isso aponta para a noção, na Idade Média, de que o corpo masculino e o feminino eram expressados e diferenciados pelo grau de perfeição, sendo o masculino dotado do mais alto grau de perfeição, enquanto o feminino era dotado do mais baixo nível de perfeição. Com isso, as descrições corporais presentes nas hagiografias analisadas mostraram que o corpo era o lugar da manifestação dos frutos da elevação espiritual e de milagres; e no caso das santas, negar o corpo, assim como negar os desejos carnis, era parte essencial de sua santidade.

Gajano (2006) aponta para o fato de que a santidade feminina passou a ser moldada pelas ordens religiosas masculinas e pelos eclesiásticos, que procuravam exercer seu poder sobre ela, pois se era possível a santidade feminina e sua união com Deus, era evidente a reedificação de seu papel dentro da Igreja: “Passa-se da desconfiança (em relação a uma Maria de Oignies) à tutela permanente (de uma Catarina de Siena) para chegar à discriminação sistemática entre manifestações presumidas divinas e manifestações presumidas diabólicas” (GAJANO, 2006, p. 459).

Outro aspecto levantado por Vallejo (2003) refere-se ao texto escrito, que teria muito mais credibilidade no medievo, pois quem sabia escrever e ler, consequentemente era detentor de um poder social; e, na maioria dos casos, os legendários eram escritos por homens. A Idade medieval não é um mundo onde se mistura natural e sobrenatural, e sim um mundo onde o sobrenatural é cotidiano, é natural. Na verdade, “si em la Edad Media se recibían como verdade los episodios hagiográficos más exagerados no es sólo por una general credulidade ilimitada, o por la fe religiosa, sino también porque todo lo escrito era digno de

crédito, mientras que lo contato de boca em boca no lo era tanto” (VALLEJO, 2003, p. 47).

Para Vallejo (2003, p. 9), pensar nas leituras que aconteciam durante a Idade Média é pensar nas “legendas”, e pensar nos leitores dessas “legendas” é pensar nos monges durante seus ofícios. Grande parte do povo não sabia ler, assim era papel do clero repassar esses relatos durante pregações ou romarias, e “el pueblo recibía com gusto estas hazañas de los santos, más piedosas que las de los caballeros, pero no menos épica ni maravillosas, nunca menos admirables” (VALLEJO, 2003, p. 9).

Assim, as histórias, os modelos e, principalmente, as mulheres retratadas nas hagiografias eram encaradas como “naturais”, o ideal a ser seguido por todas as mulheres e que era ditado por aquele que tinha credibilidade social – sendo tal credibilidade legitimada por uma sociedade na qual grande parcela dos indivíduos que não sabia ler.

Já em meados do século XV, a leitura privada é quase equiparada à leitura em público, o que revela que a hagiografia, no decorrer de seu percurso histórico, obteve grande aceitação popular, passando da leitura pública em voz alta para a leitura privada. Se, para isso, contribuiu a presença de uma mentalidade calcada no indivíduo, igualmente contribuiu o gosto pela hagiografia enquanto gênero literário.

A concepção de santidade é definida pela Igreja, porém o carisma e sua condição são eminentemente populares. O ponto de partida da religião popular é a concepção cristã da onipotência de Deus; esse Deus cristão, todo poderoso, cria a necessidade de uma ponte, de um intercessor entre o humano e o divino e, assim, ramifica-se e enraíza-se o culto aos santos, que são os intercessores do homem perante Deus: “Y debe subrayarse esto: es el *poder divino* el que realiza los milagros; el santo, como intercessor, unicamente los propicia, y la mayoría de los hagiógrafos cultos se preocupa de contactarlo así” (VALLEJO, 2003, p. 50). Assim, o milagre assume um lugar de importância quando o gosto popular pelo sobrenatural é evidente; pois o milagre é uma oferta de salvação perante o perigo mundano para um verdadeiro cristão, de forma que o “pueblo venera a um santo, y cree que, como tal, hace milagros; es decir, sus facultades sobrenaturales forman parte de la expectativa común” (VALLEJO, 2003, p. 50).

As testemunhas da fé, os mártires e, em seguida, os confessores que antes eram considerados apenas “mortos excepcionais”, são agora percebidos como “intercessores de Deus” pela proximidade que mostraram ter com o divino. Isso repercute no que Gajano (2006, p. 451) chama de uma “especialização dos cultos”: mesmo tendo seu fundamento básico no monoteísmo, o Cristianismo criou um panteão de santos, com gênero, modelo e funções diferenciadas. Nesse contexto, reafirma o culto às santidades bíblicas.

Além da imagem do próprio santo ou da santa, as chamadas “reliquias” também fazem parte das diversas dimensões do fenômeno santidade. Para Gajano (2006, p. 452), o fato do corpo e dos objetos dos santos serem parte dos cultos populares atesta que tanto o santo quanto os objetos com os quais ele tinha contato têm um poder intrínseco. Conforme o autor, “de qualquer forma, o sucesso cultural dos lugares de sepultura continuará sendo considerado durante toda a Idade Média a mais significativa manifestação da excepcionalidade dos santos” (GAJANO, 2006, p. 453).

As reliquias se tornam um instrumento para defesa pessoal, coletiva e até defesa da muralha da cidade. No culto às reliquias, mesmo agora nas mãos das culturas eruditas da Igreja, são visíveis à presença de fortes tradições folclóricas e carregadas de superstição, “provavelmente transmitidas por homens que ocupam uma posição ‘fronteiriça’ no plano social e cultural, como é o caso, por exemplo, dos membros do baixo clero” (GAJANO, 2006, p. 453). O autor acredita que isso tenha se tornado um problema para a Santa Sé, e não é à toa ter sido frequente, durante a segunda Idade Média, o hábito de se confiar ao funcionário público o papel de reconhecer o santo e as suas reliquias.

O auge do culto aos santos é um fenômeno complexo de religiosidade popular, que se expande da Igreja para o povo, mas também segue o caminho inverso. Compreendendo a hagiografia como uma lenda, podemos perceber a junção de história e ficção. O homem medieval tinha uma atração pelo sobrenatural, e é esse ponto em que os autores das hagiografias apostam, acrescentando um pouco de mistificação em suas histórias: “precisaban revestir com um relato mítico a los personajes que veneraban, así que recurrieron [...]. Y cuando más se repetían las situaciones, más se intensificaba lo maravilloso” (VALLEJO, 2003, p. 10).

## 5.4 A *Legenda Áurea* em Portugal

A tradução da *Legenda Áurea* para o português ocorreu em 1513, na cidade de Lisboa, por Hermão de Campos e Roberto Rebelo, mas, como ressalta Machado (2009, p. 103), em Portugal a obra já contava com uma vasta tradição manuscrita, em grande parte latina. Com sua tradução e impressão, a obra se espalhou rapidamente entre os leigos, agora como leitores e ouvintes-leitores, com a mesma função reguladora de comportamentos. Esse legendário alcançou um êxito extraordinário em sua função, chegando a ser, para Machado (2009), a obra mais lida depois da bíblia.

Desde logo, segundo Sobral (2002), a *Legenda Áurea* alcançou uma enorme difusão em Portugal, caindo no conhecimento e no gosto populares. Para Machado, esse legendário, “no século XIII, constituiu o projeto vulgarizador, enciclopedista e moralizador das ordens mendicantes” (MACHADO, 2008, p. 105).

No Arquivo Municipal de Santiago de Compostela, também podemos encontrar um fragmento da obra em português, que remete à primeira metade do século XV, sendo uma tradução mais próxima do latim do que a tradução que se encontra em Lisboa. Encontra-se na Biblioteca Nacional, também, duas cópias da obra em latim, uma independente da outra, pois uma remete ao fim do século XIII e começo do século XIV, enquanto a outra remete ao fim do século XIV. O curioso é que, segundo Machado, a tradução portuguesa que se encontra em Lisboa segue *pari passu* o texto de Voragine, o que vai contra “a tendência geral das traduções vernáculas, que tendem a depurar as narrativas de informações históricas, citações e questionamentos do caráter fictício de certas passagens ou fontes” (MACHADO, 2009, p. 104).

Com isso, acreditamos que essa obra tenha tido uma influência significativa na modelação dos comportamentos de homens e mulheres em Portugal no final da Idade Média, e daqueles que vieram a colonizar o *nosso país*.

## 5.5 O Livro das Leis e Posturas

Já o *Livro das Leis e Posturas* é um documento que reúne leis transcritas vigentes em Portugal, de cunho civil e penal, nos reinados de D. Afonso II, D. Afonso III, D. Dinis e D. Afonso IV. O documento é um códice em pergaminho com 168 folhas, escrito em duas colunas e em letra gótica. A edição analisada teve sua leitura paleográfica levada a cabo por Maria Teresa Campos Rodrigues (1971), pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa (LUIZ, 2012, p. 37). Provavelmente o *Livro das Leis e Posturas* remonta aos fins do século XIV e começo do século XV. Segundo Luiz (2012, p. 37), a transcrição da obra respeitou o cariz do português arcaico com traços do latim.

Para Santos (2010), o *Livro das Leis e Posturas* é uma coletânea de leis elaboradas durante a “consolidação do Estado português, no período de 1248 e 1383, respondendo às necessidades locais” (SANTOS, 2010, p. 7). Segundo Medeiros (2005), as leis criadas pelos reis também se inserem na lógica do discurso público, fazendo dos súditos ouvintes-leitores:

[o] raio de aplicação das leis dependia de um sistema de cópia e transmissão que se havia organizado em Portugal ao longo dos séculos, segundo o qual a lei era transmitida da chancelaria régia aos corregedores de comarca e daí para os concelhos de todas as cidades e vilas do reino. Tais leis chegavam aos súditos – desde o nobre local ao camponês pobre e iletrado – através dos pregoeiros, funcionários reais que as liam em praças públicas (MADEIROS, 2005, p. 3-4).

Silva (2011) chama atenção para o fato de as leis feitas pelos monarcas no período medieval se mostrarem uma fonte curiosa para entender a mentalidade

da época. Em um contexto rodeado por crenças religiosas, já era de se esperar leis com princípios religiosos. Analisar um documento com leis transcritas de um reinado no período medieval é também analisar a cultura desse povo em suas múltiplas dimensões.

Essas são as bases míticas do patriarcado cristão que vão forjar instituições de hierarquia primordialmente masculina. Assim, no Ocidente medieval, Estado e Igreja eram comandados por homens, segundo os princípios racionalizantes. O direito medieval era informado pelos valores cristãos e pelas diferenças sociais e de gênero, que serviam como fatores de hierarquização e conseqüente conservação dos privilégios masculinos, seguindo o pensamento dos primeiros doutores da Igreja. A desigualdade entre os indivíduos, especificamente entre os sexos, era compreendida como um fator natural e determinada pelo ordenamento divino e pelo nascimento (SILVA, 2011, p. 38).

Portanto ao analisar o discurso de gênero presente nas leis medievais, devemos ter em mente que aquelas leis eram feitas por homens que acreditavam ser “naturalmente” mais elevados na hierarquia de perfeição que a mulher; pensamento este carregado por uma crença cristã da criação, do pecado, das heresias e do corpo: “As transgressões sexuais femininas desequilibravam o corpo social, ameaçando a superioridade do rei e, segundo a mentalidade religiosa, podiam provocar a ira divina e colocar em perigo a salvação de todos os fiéis” (SILVA, 2011, p. 40).

## 6 CONCLUSÕES PARCIAIS

A Idade Média é um tempo amplo que nos permite descobrir a origem de certos costumes, crenças, valores, instituições e muitos outros aspectos culturais da atualidade. Franco Júnior (2011, s.p.) afirma que “muitos hábitos, conceitos e objetos tão presentes no nosso dia a dia, inclusive o próprio idioma que falamos, vêm daquela época”. Através do *Livro das Leis e Posturas*, poderemos conhecer a sociabilidade portuguesa e como se estabeleciam os papéis sociais de homens e mulheres.

Por outro lado, a hagiografia se enraizou não apenas no homem medieval, mas também na sociedade medieval, tornando-se seu reflexo. A biografia das vidas de santos são a literatura que a sociedade daquela época tinha subsídios para criar, pois o sobrenatural, o divino, o milagre, o santo e a santa fazia parte do cotidiano daquele povo, assim como a ciência faz parte do cotidiano do homem moderno.

Embora tenhamos somente resultados parciais, destacamos o caráter pedagógico e homilético da obra, a valorização em especial dos santos mártires e das santas virgens e mártires. Interessa-nos, neste ponto, o fato da santidade para além de um fenômeno espiritual, teológico, religioso, social, institucional e

político, pois é também um fenômeno geográfico. Seu percurso depende diretamente da espacialização da sua crença pelos outros e através dos outros.

Portanto, para Gajano (2006, p. 457), o fenômeno da santidade é explicado pelas mudanças ocorridas na sociedade e na religião. Portugal estava passando por profundas transformações em sua sociedade, e é nesse momento que a *Legenda Áurea* é utilizada pela Igreja para pregação dos comportamentos que ela considera aceitáveis para homens e mulheres.

Ademais, a *Legenda Áurea*, assim como o *Livro das Leis e Posturas*, de certo modo se insere no imaginário do homem medieval e, de forma indireta, no imaginário do homem atual. Assim, buscamos nas obras elencadas a imagem ideal do homem e da mulher cristãos e civis, para uma reflexão crítica sobre a construção dos papéis sociais aceitáveis e desejados para homens e mulheres em Portugal desde os últimos séculos do período medieval.

## REFERÊNCIAS

DE VARAZZE, J. Arcebispo de Gênova, ca., 1229-1298. In: \_\_\_\_\_. *Legenda Áurea: vidas de santos*. Tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica por Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

*Livro das Leis e Posturas*, transcrição paleográfica de Maria Teresa C. Rodrigues. Universidade de Lisboa. Faculdade de Direito. Lisboa. 1971. Disponível em: [http://www.iuslusitaniae.fcsh.unl.pt/verobra.php?id\\_obra=57](http://www.iuslusitaniae.fcsh.unl.pt/verobra.php?id_obra=57)>. Acesso em: 30 set. 2015.

FRANCO Jr, H. Somos todos da Idade Média. Rio de Janeiro, *Revista de História da Biblioteca Nacional*, 2008. Disponível em: <<https://reflexoesdehistoria.wordpress.com/2011/01/31/somos-todos-da-idade-media-por-hilario-franco-junior/>>. Acesso em: 30 set. 2015.

GAJANO, S. B. Santidade. In: LE GOFF, J.; SCHMITT, J-C. (Org.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru: Edusc, 2006. p. 449-463.

LUIZ, L. M. D. Dinis e o combate ao crescimento do poder eclesiástico em Portugal: a lei de desamortização de 1291. Patos de Minas: *Pergaminho*, n. 3, p. 36-44, 2012. Disponível em: <<http://pergaminho.unipam.edu.br/documents/43440/43870/d-dinis.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2014.

MACHADO, A. M. O imaginário da salvação na tradução portuguesa da *Legenda Áurea* de Tiago de Voragine. In: MARNOTO, R. (Org.). *Imaginação e literatura*. Coimbra: Rocha – Artes Gráficas, p. 99-117, 2009. Disponível em: <<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/14629/1/O%20imagin%C3%A1rio%20da%20salva%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 07 set. 2015.

MEDEIROS, S. K. L. DE. A condição social feminina no medievo português – século XV. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23, 2005, Londrina. *Anais...* Londrina: ANPUH, 2005. CD-ROM, p. 1-7.

RODOVALHO, A.D. **A mulher na legislação portuguesa medieval (1211-1325)**.

Monografia de Final de Curso (Curso de História) – Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2008.

SANTOS, R. DOS. **O matrimônio como sacramento: do IV concílio de Latrão (1215) ao concílio de Trento (1563) – O caso de Portugal**. Monografia (Licenciatura e Bacharelado em História) – Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2010.

SILVA, A. C. L. F. da. Gênero e descrições corporais na hagiografia mediterrânica no século XIII: um estudo comparativo. In: THEML, N; LESSA, F. S.; BUSTAMANTE, R. M. C. (Org.). **Olhares do corpo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003; p. 28-40.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre o uso da categoria gênero nos estudos de História Medieval no Brasil (1990-2003). **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 11, n. 14, p. 87-107, 2004. Disponível em: <<http://www.abrem.org.br/index.php/biblioteca-virtual/download/19-artigos-e-resenhas/49-reflexoes-sobre-o-uso-da-categoria-genero-nos-estudos-de-historia-medieval-no-brasil-1990-2003>>. Acesso em: 07. out. 2015.

\_\_\_\_\_. A construção genderificada da santidade na hagiografia mediterrânica do século XIII. In: SILVA, A. C. L. F. da. (Coord.). **Semana de Integração Acadêmica do CFCH – UFRJ. Desafios às Ciências Humanas e Sociais**, 1, Rio de Janeiro, 14 a 18 de maio de 2006. **Atas...** Rio de Janeiro: CFCH-UFRJ, 2007.

SILVA, E. O. As filhas de Eva: religião e relações de gênero na justiça medieval portuguesa. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 19 (1): 312, jan./abr. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2011000100004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000100004)>. Acesso em: 07 out. 2015.

SILVA, J. M. **As santas virgens na Legenda Áurea**. Relatório Final PIBIC. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2010. Disponível em: <<http://projetos.extras.ufg.br/conpeex/2010/online/>>. Acesso em: 07 set. 2015.

SOBRAL, C. O Flos Sanctorum de 1513 e suas adições portuguesas. Lisboa, **Lusitania Sacra**, 2ª série, p. 13-14, 2002. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.14/4485>>. Acesso em: 07 set. 2015.

VALLEJO, F. B. **Las vidas de santos em la literatura medieval española**. Madrid: Ediciones del Laberinto, S.L., 2003.